

ARACRUZ: UMA BATALHA NA GUERRA DA GLOBALIZAÇÃO

A opinião pública assistiu atônita a recidiva de selvageria que marcou a agressão contra a empresa Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro. O vandalismo praticado especialmente por mulheres membros da Via Campesina, paradoxalmente no dia internacional da mulher, veio somar-se a memória das insanas agressões praticadas de forma criminosa contra uma lavoura da Monsanto e o incêndio que destruiu criminosamente o Centro de Biotecnologia da UFRGS.

Os desavisados, contemplando um a um estes tétricos acontecimentos, não conseguem alinhava-los, esboçando um cenário concatenado e coerente dos acontecimentos. No entanto, o que parece dispare e não relacionado numa apreciação rápida, sob os olhos de um crivo mais lúcido, passa a adquirir uma coerência e consistência que mostra a radiografia completa e a lógica do fenômeno que nada mais é do que um reflexo da globalização. Esta foi uma das batalhas que teremos ao longo da guerra de conversão ou re-engenharia da produção agrária no cone-sul do Rio Grande e da América do Sul.

Um ponto alguma coisa de oscilação na taxa do Copom, com relação à Selic ou taxa de juros, a cima ou a baixo, redundam, respectivamente, em mais ou menos fôlego ao dólar. Esta é a sintonia fina que regula, através da política de meta de inflação, através do arrocho dos juros ou não, a oscilação da moeda e os efeitos instilados pela mesma, que em caso de valorização do real levam a um processo de simetria monetária com o dólar e com os hermanos. Esta oscilação induz inevitavelmente ao atrito das vantagens comparativas entre os produtos que possuem simetria econômica no cone sul. O Rio Grande do Sul tem simetria econômica com a Argentina e o Uruguai e vice-versa. Esta a razão para tanta movimentação no Cone Sul. Barreiras dos produtores de arroz, protestos ecológicos em Fray Bientos, invasões do MST, salvaguardas argentinas e veto do governador Rigotto a lei fito-sanitária votada pela Assembléia Legislativa. Tudo farinha do mesmo saco como diz a sabedoria popular.

A tendência à simetria monetária, paridade entre real e dólar, leva ao acoplamento dos macro-mercados nacionais e o acirramento da competitividade. Quem não tem vantagem comparativa, não tem por sua vez preço de oferta e é desbancado da competição. No Rio Grande, constatamos que a velha *plantation*, representada pelas fazendas e estâncias, em regime de simetria, passa a “fazer água” com relação a alguns itens. Assim, inicia-se o processo de re-conversão do sistema econômico que visa instalar, em substituição as velhas *plantations*, que se utilizam do sistema fordista ou taylorista de produção, pela implantação do sistema *just on time* ou sistema toyotista, que é um sistema integrado. Uma multinacional com milhares de produtores cativos produzindo, com sintonia fina, uma diversidade maior de produtos. Este é o sistema, que o “socialismo” que invade terras e comete vandalismos, pretende desesperadamente implantar como via dentro do capitalismo. Fora deste cenário o que sobra são favelas rurais, que na ausência das “multis”, denunciam o erro de cálculo do projeto “socialista”. A Aracruz, as barreiras “ecológicas” em Fray Bientos e Guleguaychú, e o ataque de Bové a Monsanto, não são mais do que ataques a possibilidades de ressurreição do modelo da *plantation*, que na forma do reflorestamento e da produção de celulose ou ainda com o soja transgênico, sepultariam a opção, na sua ótica, pelos seus “sem terras”. A opção pela barbárie demonstra de sobejo o desborde do princípio democrático que leva a este estuário de violenta ilicitude em que se atolaram os chamados “movimentos populares.”